CMUNE037886

ROVERI, Andréa. Quando a esperança bate no fim do túnel: na Fazenda do Senhor Jesus, a ordem está na filosofia do "Amor Exigente". A Tribuna, Campinas, 06 abr. 1997.

Na Fazenda do Senhor Jesus, a ordem está na filosofia do "Amor Exigente"

Quando a esperança bate no fim do túnel

ANDRÉA ROVERI

Quem são esses meninos e meninas, adolescentes e até mesmo pais de família, usuários de crack, entre outras drogas, que se deixam dominar por produtos altamente destrutivos e entram num caminho que para muitos não tem volta? Frutos de famílias mal estruturadas, com pais alcoólatras ou drogaditos, procuram, segundo especialistas, uma vida sem sentido, já que o sentido da vida se perdeu na infância mal vivida.

"Posso dizer que a maioria dos casos que tratamos durante todos esses anos foram de jovens que chegaram às drogas por problemas familiares. No total, 90% dos nossos residentes (termo usado para definir os internos), estão se recuperando do vício do crack.", explica o padre Haroldo J. Rahm, presidente nacional da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas. Com 20 anos de trabalho em comunidades terapêuticas em todo o País, ele teve contato direto com mais de 10 mil viciados que procuraram, ao longo desse tempo, uma das unidades de recuperação de drogas da qual é responsável.

Padre Haroldo explica que a recuperação integral depende apenas da vontade do viciado (o termo usado nas comunidades terapêuticas é farmacodependentes) que busca a internação como última alternativa. "A maior parte daqueles que aceitam fazer o tratamento e treinamento de até seis meses fica sóbrio para o resto da vida. Eu diria que mais de 50% dos que passam por aqui com o intuito de se curar, já que o vício é uma doença, são recuperados", explica.

Lista de espera

Atualmente, 200 residentes, entre homens, mulheres e crianças de rua, entre oito e doze anos, fazem parte do trabalho de recuperação de drogas e álcool. Outras 50 pessoas estão numa lista de espera para a internação em uma das comunidades terapêuticas coordenadas pelo padre Haroldo. Para conseguir uma vaga é preciso demonstrar interesse pela ressocialização, aceitar as regras impostas para o tratamento e permanecer sóbrio durante todo o período de internação.

No modelo das comunidades, os internos aprendem atividades de trabalho e disciplina e desenvolvem a espiritualidade, um dos pontos básicos para a recuperação. "O dependente não tem culpa de ser assim, mas tem responsabilidades sobre as suas atitudes". A maior dificuldade, segundo o padre, é a adaptação do viciado à vida sem a droga. Muitos dos que chegam em busca de tratamento, só conhece esta maneira de viver. "São garotos e garotas que desde muito cedo caminham lado a lado com o vício e pessoas que usam drogas. O crack é muito fácil de ser encontrado, e por um preço baixo. Tirar os meninos da rua significa prevenir o encontro com essa vida fácil e ilusória", ressalta.

❑ *Padre Haroldo J. Rahm*

Na comunidade o residente é responsável por tudo o que faz e tem tarefas diárias para manter o local, como se fosse a sua própria casa. Até mesmo os meninos de rua têm escala para limpeza dos quartos e banheiros e são fiscalizados quanto à arrumação dos armários. Esse sistema, além de garantir ao interno uma orientação geral sobre res-

ponsabilidades, vem suprir as necessidades do local que não tem nenhum retorno financeiro para sua subsistência.

Segundo levantamento feito pelo padre Haroldo, entre roupas de uso próprio, cama e banho, alimentação e gastos como água, luz e manutenção geral, cada jovem custa R$ 900,00 por mês para a entidade. "É um valor muito alto. E essa é uma das desvantagens de se ter um trabalho como esse no Brasil, onde as entidades não recebem nenhuma ajuda do Governo Federal", explica.

Entre os modelos de instituições de acolhimento e tratamento de viciados em drogas e álcool na América do Norte, por exemplo, o governo dá um auxílio de custo mensal para cada jovem interno de US$ 100,00. Na Suíça, o padre afirma que a contribuição mensal chega a ser de US$ 300,00. "É por isso que nós temos dificuldades em abranger mais ainda os trabalhos de internação, mesmo comprovando que esse é o meio mais eficiente de recuperar um dependente de drogas e álcool".

Além do vício de álcool e drogas, os profissionais que trabalham nas comunidades estão tentando eliminar também o uso do cigarro entre os internos. Segundo análises feitas por psicólogos que trabalham com pessoas que têm qualquer problema com vício, o sexo, o cigarro e a sensação de poder são fatores agravantes para a não-recuperação. A abstinência total é a orientação passada aos residentes porque, segundo os psicólogos, o viciado em drogas que se envolver com álcool, depois de passar pelo processo de recuperação, tem fortes tendências de se tornar um alcoólatra.

Para o sociólogo Hamilton Chelegon, que desenvolve trabalho com dependentes de drogas em uma clínica no Cambuí, o ponto básico para a recuperação é a orientação aos pais: "O único responsável pela recuperação total é o próprio usuário, mas os pais são contribuintes para que o processo seja mais ou menos demorado", diz. "Costumo falar que o pai não deve ser tolerante, mas paciente para entender e explicar as situações. Nada adianta dizer 'eu sempre deixei ele fazer o que quis, nunca faltou nada em casa' se o que o adolescente realmente quer é se sentir útil.", explica Chelegon.

Fotos: Waldemar Padovani

❑ *Muitos que chegam para fazer tratamento na Fazenda não tiveram outra realidade no seu dia-a-dia*